

ANÁLISE LITERÁRIA DE FITA VERDE NO CABELO

David Samuel Mendes Albino - UESPI

Mélane de Miranda Macêdo – UESPI

Margareth Torres de Alencar Costa - UESPI

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de estudo de formas de uso da literatura presente no texto e trazendo uma abordagem objetiva realizaremos aqui uma análise literária do conto *Fita Verde no Cabelo*, buscando o explicar de formas simples a utilização dos operadores da leitura e demonstrar o uso do mito escatológico na literatura infanto-juvenil, baseando-se na teoria literária de EAGLETON, BONNICI e ZOLIN e trazendo aspectos de intertextualidade moderna abordados por COSTA et. al.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada na constituição desse trabalho foi de acordo com as leituras e estudos de textos e obras já existentes, foram utilizados também as principais referências do autor, suas características e técnicas retratadas na elaboração de sua obra, sendo assim um conjunto de análises a partir do tema principal a obra *Fita Verde No Cabelo* de Guimarães Rosa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *Fita Verde no Cabelo* um dos traços mais significativos, se integra ao modo como Guimarães Rosa permite a livre interpretação do seu texto, porém sem abrir mão de sua mensagem principal, e isso traz ao leitor um sentimento de liberdade para criar seus próprios significados e aplicá-los com base em sua própria realidade, principalmente porque o autor cria um âmbito narrativo que se remete a algo já visto e como está explícito no subtítulo da obra “nova, velha estória” ele nos remete a trazer um antigo e já conhecido conto mas com uma nova significação. Essa abrangência de significados e a tomada por uma narração de algo já introduzido e familiar da literatura nos mostra as marcas da escrita modernista no seu conto, assim como aborda EAGLETON (2015, p.207):

“O texto "redigível", geralmente modernista, não tem significações determinadas, não têm significados fixos, mas é plural e difuso, uma galáxia ou um emaranhado inexaurível de significantes, uma trama inconsútil de códigos e fragmentos de códigos, através do qual o crítico pode abrir seu próprio caminho errante. Não há começos nem fins, não há sequências que não possam ser invertidas, nenhuma hierarquia de "níveis" de texto para nos dizer o que é mais significativo ou menos significativo.”

Na obra o autor utiliza o narrador onisciente neutro que fica notável no trecho: *“Mas agora fita verde se espantava além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada, e estava suada, com fome de almoço”* GUIMARÃES ROSA (1992, p. s/n). O narrador descreve o estado e emoções da personagem, de acordo com a sua própria visão e voz, como descreve FRIEDMAN (2002, p. 175):

“Com relação à caracterização, embora um autor onisciente possa ter predileção pela cena e, conseqüentemente ,permita a seus personagens falar e agir por eles mesmos, a tendência predominante é descrevê-los explicá-los ao leitor com sua voz própria.”

Observa se também a utilização do narrador em 3ª pessoa caracterizando-se como heterodiegético, baseado em GENETT, AGUIAR E SILVA (ANO, PÁGINA) explicam que o narrador desse modelo classifica-se da seguinte forma:

“É aquele que não é co-referencial com nenhuma das personagens da diegese [história,nota nossa,], não participa, por conseguinte, da história narrada.[...] Pode manifestar-se como um ‘eu’ explícito ou como um narrador apagado, de grau zero”(FFS)

Sendo assim, o narrador conta a história da forma que ele vê, sem aplicar no texto uma opinião própria ou crítica, mantendo-se a margem, deixando ao leitor a opção de imaginar o que o personagem está pensando.

Em todo o conto Guimarães Rosa se mantém no formato de espaço já conhecido, sempre relembrando no nosso inconsciente, o ambiente familiar de uma

estória da contada e trazendo como aspectos visuais comparativos como “*Fita Verde*” em relação a “*Chapeuzinho Vermelho*”. Aspectos narrativos como no fato de sua mãe a mandar pelo bosque até sua avó e os elementos como em: “*atrás de suas asas ligeiras*”, “*borboletas nunca em buquê nem em botão*”, “*plebeinhas flores, princesinhas e incomuns*” que geram uma noção de espaço referencial. Entretanto a significação desses aspectos não é fixa e pode variar de acordo com a interpretação do leitor, a reflexão criada através desses aspectos é altamente influenciada pela linguagem pessoal e seus pontos de referência cultural. EAGLETON (2015, p.106)

Nota-se assim que em *Fita Verde no Cabelo* a ressignificação de *Chapeuzinho Vermelho* abordando novas questões e trazendo uma nova forma de interpretação do conto, nos remetendo a utilização da intertextualidade, reescrevendo o significado de algo já abordado e de conhecimento geral, e assim como Guimarães Rosa o fez de maneira magistral, isto é, algo muito utilizado pela indústria cinematográfica em suas adaptações de obras literárias e assim como na obra analisada, muitas dessas adaptações não trazem uma fidelidade total a obra, mas um novo significado que se adapta ao tempo, contexto histórico entre outros fatores fundamentais para interpretação da obra no cinema, porém que, ainda assim não retira a ideia principal do texto, assim como explica COSTA: “Pois, o filme para ter qualidade não é necessário que seja fiel à obra, mas há elementos importantes para uma boa produção, como, a linguagem, as ideias principais propostas pelo texto, a construção de um enredo que busque o espírito do texto”(COSTA, 2018, p.73)

E da mesma maneira a própria literatura se reescreve ao longo do tempo, seja criando algo novo mas que ainda assim se baseia em algo já escrito. EAGLETON (2015, p. 207) aborda a intertextualidade da seguinte forma:

“Todos os textos literários são tecidos a partir de outros textos literários, não no sentido convencional de que trazem traços ou “influências”, mas no sentido mais radical de que cada palavra, frase ou segmento é um trabalho feito sobre outros escritos que antecederam ou cercaram a obra individual. Não existe nada como “originalidade” literária, nada como a “primeira” obra literária: toda literatura é “intertextual”

Numa abordagem radical EAGLETON (2015, p. 207) fala que não existe nada

como “originalidade” literária, que tudo que surge de novo na literatura tem suas bases já fundamentadas em algo que já existe, partindo desse pressuposto a escrita é algo intertextual, escrevemos como aprendemos e muitos evoluem esse processo de escrita, com técnicas linguísticas, significativas e entre outras, mas entre todos esses modos de escrita a literatura base é o elemento comum que interliga todos eles.

Ao decorrer do conto o autor retira o lobo ‘ser’ já conhecido que traz a representação do medo e do mal encarnado, deixando então ao leitor a interrogação sobre o desfecho da estória, essa "ausência" caracteriza então um instrumento que se faz tão importante quanto a aparição de uma figura que a represente. Assim como discorreu EAGLETON (2015, p. 154):

“Até mesmo a ausência de certos recursos pode ter significação: se os códigos gerados pela obra nos levam a esperar uma rima ou um final feliz que não se concretiza, esse "recurso a menos", como Lotman o chama, pode ser uma unidade de significação tão efetiva quanto qualquer outra.”

O texto caracteriza uma série de acontecimentos que formulam figuradamente o amadurecimento da protagonista. Fita verde já não possui mais sua fita no cabelo e se depara com o antagonista não mais em um aspecto físico, mas em seu estado primordial a própria morte.

O texto é de cunho reflexivo e como demonstrado em muitas obras modernistas traz um estímulo ao leitor fazendo com que o próprio procure retirar de suas vivências e experiências uma crítica sobre a realidade descrita na obra instituindo uma comparação com a sua própria verdade. (EAGLETON 2015, p.255-256)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mito escatológico retrata a morte ou fim de tudo, a maior representação desse mito é mostrado no texto apocalipse da bíblia sagrada, ou na mitologia nórdica como o ragnarök. A abordagem, portanto, da morte no escrito traz a visualização do fim

como algo a ser lembrado, essa reflexão vem introduzida na obra de Guimarães Rosa representada no seguinte trecho:

“Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez. Gritou: —“Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!...” Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo.”(ROSA, 1988, p.13)

O autor retrata a morte como 'lobo', no momento em que a personagem se depara com a realidade da sua avó, ela perde a sua inocência, ele traz esse tema muitas vezes não discutido e abordado em obras infanto-juvenis. De acordo com a psiquiatra infantil (FERNANDA MAPPA, 2016) ela diz que : “A leitura de histórias que abordem o tema pode, sem dúvida, constituir uma oportunidade para criar condições em um ambiente familiar, que seja tranquilo e lúdico para que crianças e adultos possam falar sobre a morte.” Mostrando assim a grande importância da abordagem do tema, para um bom desenvolvimento emocional das crianças e jovens.

Palavras-chave: Guimarães Rosa, Fita verde no cabelo, Gêneros literários

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, V. M. **Teoria da literatura**. 8. cd. Coimbra: Almedina, 1988.

BONNICI, Thomas; Zolin, Lúcia Osana; **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2. ed. Rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005.

EAGLETON, Terry, **Teoria da literatura : uma introdução**, tradução de Waltensir Dutra - 6 ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FERNANDA MAPPA. **Ensinando nossos filhos sobre a morte**. Disponível em: <https://fernandamappa.com.br/?89/artigo/ensinando-nossos-filhos-sobre-a-morte>, Acesso em: 1 ago. 2021.

FRIEDMAN, Norman; **O ponto de vista na ficção: O desenvolvimento de um conceito crítico**, tradução de Fábio Fonseca de Melo-São Paulo, n. 53,pg.166-182, 2002.

NOLETTO, Israel; COSTA, Margareth; BRITO, Stela, **Ensaio sobre literatura e outras artes: uma coleção poliglota**, Teresina: Edufpi, 2018.

ROSA, João Guimarães, **Fita Verde no Cabelo**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.